

Maria De Maria, Ricardo Augusto, Paulo Merisio
(Organizadores)

Sobre o que
acontece quando
nos encontramos:
memórias da
Trupe de Truões

1ª Edição | 1ª Reimpressão

Trupe de Truões
Uberlândia - MG
2018

Publicação:

Organização: Maria De Maria, Ricardo Augusto e Paulo Merisio | **Revisão de textos e consultoria:** Maria do P. Socorro Calixto Marques | **Autores:** Amanda Aloysa, Amanda Barbosa, Cida Perfeito, Getúlio Góis, Laís Batista, Maria De Maria, Paulo Merisio, Ricardo Augusto, Ronan Vaz, Thiago Di Guerra e Wesley Nunes | **Apoio Revisão:** Dioni Pizarro e Fernanda Spoladore | **Supervisão:** Maria De Maria | **Apoio Comunicação:** Amanda Barbosa | **Design gráfico:** Luana Oliveira | **Edição:** Trupe de Truões

Projeto: Trupe de Truões: uma metodologia de intercâmbio com Casa Aberta
CA.1333/001/2013 Patrocínio Petrobras. Incentivo: Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais.

Impresso em abril de 2018. Todos os direitos reservados à Trupe de Truões e protegidos pela Lei 9610 de 19/02/1988. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida em qualquer meio sem prévia autorização dos autores. Impresso no Brasil | 1ª Edição | 1ª Reimpressão | **Tiragem:** 500 exemplares.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q6s Quialheiro, Maria De Maria Andrade, 1980-.
Sobre o que acontece quando nos encontramos: memórias da Trupe de Truões / Maria De Maria Andrade Quialheiro, Ricardo Augusto dos Santos Oliveira, Paulo Ricardo Merisio (organizadores) - Uberlândia : Trupe de Truões, **2016**. | 1ª Edição | 1ª Reimpressão | 500 exemplares
68 p.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-92533-00-7

1. Artes cênicas. 2. Grupos teatrais. 3. Intercâmbio cultural e científico. I. Quialheiro, Maria De Maria Andrade, 1980-. II. Oliveira, Ricardo Augusto dos Santos, 1985-. III. Merisio, Paulo Ricardo, 1965-. IV. Trupe de Truões. V. Título.

CDD: 792

CDU: 792

Trupe de Truões | Av. Ana Godoy de Souza, 381. Santa Mônica | CEP: 38408-290. Uberlândia/MG
Contato: +55 (34) 32379440 | trupedetruoes@gmail.com

**A todos os artistas, de
ofício e de paixão, com
quem cruzamos nossos
caminhos nesses
15 anos de histórias.
O nosso muito obrigado!**

07 - Sobre o que acontece
- Maria De Maria

13 - Trajetória : a distância que precisa ser percorrida para se chegar ..
. Longe
- Ricardo Augusto, Paulo Merisio e Maria De Maria

27 - Intercâmbio
- Thiago Di Guerra

29 - Terceeeiro sinal :
mais um espaço cultural
na cidade
- Cida Perfeito

33 - Intercâmbios: rede
e sustentabilidade
- Laís Batista

38 - Rede. Nó. Ponto forte. Lugar de encontro e
tensionamento
- Thiago Di Guerra

40 - Dos caminhos per-
corridos

- Amanda Barbosa

43- Cachaça de Jambu

- Amanda Aloysa

49 - Seremos afetados. . .

- Thiago Di Guerra

51 - CASA ABERTA :

Laboratório de convívio e
companheirismo

- Rohan Vaz

55 - E seguimos cami-
nhando . . .

- Maria De Maria

59 - Carta de um truão

- Wesley Nunes

66 - Referências

67 - Fichas Técnicas

Sobre o que acontece

Maria De Maria

Há algum tempo, a Trupe de Truões, grupo teatral com 14 anos, situado no Triângulo Mineiro, vem pensando na criação de um centro de memória que reúna materiais de montagens, *clippings* de circulação, arquivos relacionados a eventos e seminários promovidos pelo grupo, bem como relatos de processos de criação e intercâmbio e documentos referentes a sua organização interna. Registrar e divulgar as atividades do grupo – tanto para a cidade de Uberlândia, sede principal, como também para leitores iniciados na prática Teatral do cenário brasileiro – tem como intuito garantir e disponibilizar uma memória palpável de nossas atividades, não somente ao público mineiro, mas todo àquele que se insere ou se interesse pela história do teatro brasileiro, *quicá*, latino-americano, e pelo percurso de nossos processos de criação e relação com o entorno social.

Desde o início de sua trajetória, a Trupe de Truões decidiu se configurar como um grupo de teatro que prima pela excelência artística. Nestes anos, sempre teve como meta circular por vários cantos do país, buscando recepção nos grandes centros, mas, uma vez sediada no Triângulo Mineiro, procura igualmente interferir e agregar diferentes espectadores que – cercados pelo teatro comercial e demais produções vinculadas a outras escolhas estéticas – podem (e devem) contemplar as produções locais. Mais precisamente Uberlândia, cidade pólo industrial e que concentra também empresas multinacionais, além de constituir-se como um dos berços do agronegócio, é reconhecida por oferecer formação acadêmica por meio da Universidade Federal de Uberlândia e tantas outras particulares. Portanto, para além de se caracterizar como uma cidade universitária, também é cenário de uma variedade de leitores e/ou espectadores. A cidade constrói-se geograficamente como um espaço de muitas fronteiras, posto que é passagem para aqueles que atravessam o país. Embora seja grande a circulação e permanência de pessoas na região, o número de espectadores do teatro local ainda é ínfimo e não está em conformidade com o porte social e financeiro do Triângulo.

Um Estado grande, retalhado por focos de diferentes culturas, pela rota do ouro da Minas histórica, a Minas nordestina popular, ribeirinha do Vale do Jequitinhonha e a Minas paulicéia, de todos os seus perfis, Uberlândia, nascida como *Sertão da Farinha Podre*, talvez represente na arte o seu lado mais rural, talvez o mais sertanejo do Estado Mineiro. E em função disso, o gosto da população passa mais por um estilo que, em sua maioria, diverge de nossas escolhas artísticas, mais voltadas para o hibridismo e pluralidade de linguagens em modos de pesquisa e laboratórios de criação. Resultado disso, acreditamos por hora, é que Uberlândia conta com poucos grupos de Teatro que

possuem uma estrutura mais sólida, revelada pelo estabelecimento de suas sedes, que, diga-se de passagem, funcionam como importantes *equipamentos* culturais independentes, já que a cidade possui apenas um teatro e um anfiteatro, ambos sob coordenação municipal, poucos museus de arte e nenhuma sala de cinema dedicada a filmes do circuito alternativo.

Certamente, esse ambiente vem se modificando a passos lentos e isso se deve, por um lado, à solidificação dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia, que formam cada vez mais profissionais qualificados para se inserirem no mercado de trabalho, contribuindo para o aumento da oferta de oficinas e cursos livres ministrados por grupos e artistas independentes. No entanto, a relação custo/benefício, se pensarmos no aspecto econômico, não abarca as produções locais.

É nesse contexto que a Trupe respira e segue descobrindo caminhos que podem levá-la a um estágio mais maduro, tanto no que tange à cobertura de seus gastos, como a garantia de pagamento de seus atores, quanto à contrapartida social, devolvendo à sociedade trabalhos artísticos envolventes, sensíveis e que possam emancipar, de alguma forma, a formação cultural de nosso público. Um dos caminhos é este que apresentamos aqui, a execução de projetos como o *Trupe de Truões: uma metodologia de intercâmbio com Casa Aberta*, patrocinado pela Petrobras por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, cujo recurso possibilita a realização de parte dos objetivos do Grupo.

Ao propormos o projeto citado, uma de nossas metas era a de estabelecer parcerias artísticas, proporcionadas pelo intercâmbio de linguagens entre os artistas envolvidos. Desse modo, junto com a *Viraminas Associação Cultural*, que é também *Ponto de Cultura, Museu*

da Oralidade, fizemos um vídeo documentário que ganhou corpo e corroborou de forma sensível com as ações relacionadas à criação e manutenção da memória do Grupo. Os textos que seguem essa introdução nasceram do interstício de algumas leituras teóricas sobre a prática e recepção teatral que, somadas à vivência de nossos atores em contextos distintos de apresentações e encontros, ganharam materialidade diversa quanto ao gênero textual. Cartas, relatos, poemas, tabelas são alguns tipos de textos produzidos por nossos atores/autores e, marcados pela particularidade de cada olhar, acreditamos que a publicação não apague a diversidade de interpretações e experiências vividas pelos integrantes da Trupe de Truões.

Imaginamos uma escrita que ‘transpirasse’, aproximando-se, pelo menos, de nossas visões e habilidades, com o registro das subjetividades dos atores, afinal de contas, é pelo olhar de cada um que a publicação carregará parte da memória do grupo. Para dar conta desse desejo, percebemos a necessidade de conversar com o campo da criação, deixar os atores livres para brincarem com a forma, com as normas de produção escrita, com a imaginação, com as inseguranças e com as verdades, mesmo provisórias. Criamos ‘jogos de escritas’ para estimular e potencializar habilidades e individualidades, procurando respeitar a escolha do gênero textual.

Enfim, caro leitor e espectador, você verá aqui pontos de vista sobre um mesmo projeto e processos. Falas dissonantes de uma mesma vontade: **viver da Arte e promover a vida.**

Evoé!

Trajectoria : a distância que precisa ser percorrida para se chegar

•

•

•

longe

A experiência de se afastar de seu espaço cotidiano pode estimular um novo olhar sobre seu lugar. Tanto o conhecimento de experiências completamente diferentes quanto a identificação de similitudes nas estruturas e escolhas levam a uma maior percepção de si mesmo.

A Trupe de Truões surgiu em **2002** na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Desde o início, realizamos projetos de montagens e de circulação de espetáculos, participando de mostras locais e nacionais. Nossa estreia se deu na *Semana de Ensino de Teatro*, com o espetáculo *Os 7 Gatinhos*, de Nelson Rodrigues, o primeiro trabalho a ser selecionado para um festival, recebendo indicações para melhor direção, melhor conjunto de atores, ator e o prêmio de melhor atriz no *17º Festival Universitário de Teatro de Blumenau* (FITUB), em **2003**.

Ainda em **2003**, realizamos mais dois espetáculos: iniciamos a experimentação no campo do teatro para a infância, com *Um herói fanfarrão e sua mãe bem valente*, de Ana Maria Machado, e aprofundamos as investigações no universo de

Nelson Rodrigues, com *Rodrigueanas*, texto de Douglas Dwight e Liliana Neves, com base em contos de *A vida como ela é*, realizando temporada em **2004**. No fim do mesmo ano e em **2005**, remontamos *Rapunzel*, peça da Cia. Truanesca de Niterói/RJ, com encenação e texto de Leonardo Simões e que tinha como um dos atores/criadores o diretor Paulo Merisio.

Em **2006**, montamos *Ali Babá e os 40 Ladrões* por meio do Prêmio Myriam Muniz de Teatro da FUNARTE. Neste projeto, os atores da Trupe de Truões – cuja sede e prática são na cidade de Uberlândia – puderam voltar às suas cidades natais para ministrar oficinas e apresentações para o público local. Apesar de um elenco grande, 11 atores mais direção e técnica, viajamos para muitos festivais. Em 2008, estreamos o espetáculo *Simbá, o marujo*, novamente pelo Prêmio Myriam Muniz de Teatro e através do qual viajamos para as mesmas cidades do projeto anterior, prevendo, entretanto, o estudo de algumas obras bibliográficas e uma oficina de teatro de sombras com o Grupo Giramundo Teatro de Bonecos, da cidade de Belo Horizonte/MG. Apresentamo-nos em várias cidades, em festivais, e participamos da Mostra Sesi de Teatro Infantil, na qual fizemos quase trinta apresentações em cidades do interior Paulista. Neste mesmo ano, deparamo-nos com a necessidade de uma sede, uma vez que os integrantes do grupo, já egressos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), não poderiam contar com o espaço da mesma, tendo em vista que Paulo Merisio, então docente da UFU, havia sido aprovado em concurso para integrar o corpo docente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e, deste modo, não poderia mais vincular a Trupe como projeto de extensão. Deixamos, então, de desenvolver nossos projetos e ensaios na universidade e iniciamos as tentativas de organizar um espaço cultural onde pudéssemos realizar atividades formativas, ensaios e reuniões.

Em **2009**, nos estruturamos como *Associação Trupe de Truões* e nos tornamos um *Ponto de Cultura* com o projeto *Ensino Encena: Formação e Multiplicação no Teatro Infantojuvenil*. Este projeto foi estruturado pensando em uma forma de ter as experiências anteriores como inspiração para a formação de jovens, aliado à estruturação de um espaço cultural chamado *Ponto dos Truões*, sede da Trupe. O objetivo

principal do projeto do **Ponto de Cultura** foi sensibilizar outros jovens a se engajarem no trabalho com arte e cultura, realizar trocas de experiências e sentimentos comuns, sem a intenção de que se tornassem atores, mas que, por intermédio da prática artística, pudessem ter contato com os bastidores do teatro e conhecer de perto as necessidades para se colocar um espetáculo em cena. Por isso, o foco principal eram as aulas que encerravam-se com uma montagem a cada ano, momento em que levávamos outros jovens ao *Ponto dos Truões* para assistirem e conversarem sobre teatro. Além disso, os alunos participavam de oficinas com temáticas específicas do teatro, realizávamos anualmente o *Seminário de Sustentabilidade Cultural* e a publicação de um Jornal Informativo.

Primeira lição sobre rede!

Nos anos de **2010** e **2011**, passamos por momentos conturbados e de amadurecimento, algumas rupturas transformaram efetivamente os rumos que o grupo tomaria a seguir. O núcleo de seis atores e o diretor mergulharam no desejo de investigar as convergências do teatro contemporâneo no processo de montagem de *CALLE!*, texto de criação coletiva inspirado na obra de Sophie Calle, fazendo do teatro

nosso espaço de expressão e poesia para as feridas abertas pela ocasião dos acontecimentos. Apesar de termos realizado muitas apresentações na cidade de Uberlândia, esta montagem não circulou muito pelo país, embora tenha causado entusiasmo junto à classe artística local que tinha conhecimento de que passávamos por crise de separação e, mesmo assim, continuávamos trabalhando juntos e expondo nossas relações no palco. Mesmo assim, chegamos a realizar uma curta temporada na sede da Cia. dos Atores no Rio de Janeiro. Não foi o que esperávamos em termos de público e reconhecimento, tínhamos poucas fichas para apostar em um jogo do qual não conhecíamos as regras.

Este foi um período de mudanças, em que buscávamos nossa identidade, procurávamos compreender o que nos caracterizava enquanto grupo, qual o nosso diferencial e ponto forte. Percebemos que nossos processos de montagens e o amadurecimento deles se davam por meio de circulação em festivais e mostras pelo país, bem como de inúmeras oficinas formativas das quais participávamos nestes mesmos eventos. Mas apenas isto não nos alimentava, queríamos viver de teatro. Éramos todos formados pela academia e a maioria atuava como professor de teatro em escolas. Então a ficha caiu, tínhamos uma profissão, uma sede (alugada, mas tínhamos), bons trabalhos, mesmo assim, ainda não era o suficiente. Precisávamos ser vistos, conhecer gente, aumentar nossa rede de contatos, fazer *network*. A partir disto, entendemos cada vez mais a necessidade de nos aprimorar em aspectos ligados à gestão.

Em **2012**, ano em que concluiríamos a compra de material técnico para apresentações cênicas no *Ponto dos Truões*, recebemos a notícia de que fomos selecionados para participar do *Circuito Sesc Palco Giratório* no ano seguinte. Já prevendo todo o tempo que seria destinado à circulação, o grupo aprovou o *Cena Minas: Prêmio de Artes*

“Não tenho mais a agilidade de anos atrás. Os joelhos doem, o fôlego falta. E aquela sensação de que nunca mais você terá a predisposição de montar e desmontar cenários nos ensaios até a madrugada. A reclamação fazia parte de uma espécie de orgulho e de uma revolta de que todo esse esforço um dia seria recompensado. Mas em meio ao esforço e à dificuldade, as coisas bonitas foram acontecendo, como a dizer da inexistência do paraíso final. Do prêmio pelo trabalho realizado. O prêmio veio fracionado, dividido em pequenas migalhas cotidianas ou mesmo em pedaços generosos. Mas sempre exigiu a atenção de ser reconhecido por aquele que ali está. Não me esqueço do vento uivando gelado em Florianópolis. Foi a primeira vez que fui àquela cidade e fui com os Truões ao Festival Ishard Azevedo, em meio ao surto de gripe H1N1. Paro e ouço o vento ainda. São muitas lembranças de um estar junto e de tantas coisas bonitas vividas neste caminho que nem cabem aqui as reclamações dos joelhos que doem. Vale mais esse gosto de reconhecimento das inúmeras conquistas, das cidades, do Ponto dos Truões, do público, da agitação da Casa Aberta, dos amores e amizades. O artista de teatro sempre está. Está ou não está. É ou não é há aqueles que andam na linha tênue do ou, da possibilidade, das alternâncias.”

Getúlio Gróis

Cênicas do Estado de Minas Gerais – 5ª edição, que previa a seleção de três grupos com menos tempo de experiência, em termos de trajetória e autogestão, para desenvolverem um trabalho de pesquisa no *Ponto dos Truões*, abrindo o espaço para pesquisa e ensaio, temporadas e guarda de material. Esta proposta, aprovada pela Secretaria Estadual de Cultura (SEC), foi o embrião do atual **Programa Casa Aberta.**

Os três grupos selecionados foram Confraria Tambor, Grupo Giz de Teatro e Grupo Galhofas, que, em parceria com a Trupe de Truões, mantiveram durante os anos de 2013/14 o *Coletivo Casa Aberta*, que, entre outras ações, promoveu os festivais *Giro de Arte* e *Pião de Arte*, em parceria com o Espaço Cultural Matilde Ferreira e o Grupo TerraCotta. Tratava-se de uma Mostra de espetáculos de teatro e dança da cidade de Uberlândia para curadores de Festivais Nacionais e Regionais. Além disso, o *Coletivo Casa Aberta* realizou muitas temporadas de espetáculos no *Ponto dos Truões* durante o tempo em que existiu.

A organização da Trupe, hoje, se estrutura em dois programas que concentram e se relacionam em diferentes tipos de atividades. Um é o *Programa Casa Aberta de Intercâmbio*, ligado às ações de partilha e encontro com outros grupos ou artistas. O outro é o *Programa Casa Aberta de Formação*, relacionado à tentativa de ampliar o campo da recepção teatral através de atividades formativas e de apresentação de espetáculos para alunos e professores de escolas, além da manutenção e programação cultural na sede dos Truões.

Nesta direção, em **2013**, a Trupe convidou um consultor, José de Oliveira Junior, na época membro do Observatório da Diversidade Cultural de Belo Horizonte, para nos auxiliar no planejamento de ações que, após conceituadas e sistematizadas, resultaram na instituição dos programas supracitados. Isto facilitou nosso trabalho no sentido de nortear os projetos a serem escritos e as ações que o grupo já desenvolvia, ou seja, ao invés de ficarmos ‘atirando para todos os lados’ na busca de garantir nossa sustentabilidade, transformamos nossos desejos em metas concretas e passamos a planejar como iríamos alcançá-las. Como consequência, surgiram outros produtos e formatos que a Trupe passou a ter em seu repertório, gerando mais possibilidades artísticas para além da montagem de seus espetáculos.

Ainda em **2013**, a Trupe passou quase o ano todo viajando graças ao *Circuito Sesc Palco Giratório*. A seleção para esta circulação nos estimulou a aproveitar toda a potencialidade desta experiência, extrapolando inclusive as propostas de intercâmbio previstas oficialmente na turnê, e contatando, por conta própria, vários coletivos atuantes nas cidades por onde passamos. Em uma das viagens, chegamos a ficar dois meses sem voltar pra casa. Vivemos ali um grande paradoxo. De um lado, o desejo, inerente a qualquer artista, de ‘mambembar’, fazer as

malas, colocar o material de cena nos baús e se apresentar em vários cantos do Brasil. De outro, a vontade de abrir as portas de nossa sede, encher a casa, e manter uma programação artística diversificada com grupos locais. Tudo isto nos trouxe uma preocupação: ***quem iria ocupar a nossa 'casa' enquanto viajávamos? Como manteríamos vivo um lugar que estava começando a ser reconhecido como espaço cultural da cidade?***

O amadurecimento da Trupe com a participação na turnê do Sesc se deu em vários campos. Podemos afirmar que o *Palco Giratório* foi um divisor de águas, pois nos permitiu iniciar um processo efetivo de profissionalização. Mas a distância também trazia a saudade e o desejo de que toda a riqueza de nossos intercâmbios pelo país fossem também experimentados pelos artistas de Uberlândia. Ficou evidente para o grupo que o amadurecimento conjunto dos núcleos artísticos da cidade traria benefícios a todos e o quão importante seria que os coletivos ampliassem, principalmente, sua capacidade de gestão e sustentação.

A Trupe, então, passou a estruturar projetos que permitissem momentos de intercâmbio artístico e de estruturas de funcionamento dos coletivos. Tais projetos, em conjunto, passaram a se configurar como uma *metodologia* denominada *Programa Casa Aberta*, que vem, por sua perspectiva multiplicadora, assumindo papel de incubadora.

Em **2014**, mediante aprovação em edital do Fundo Estadual de Cultura da SEC/MG, promovemos o projeto **Casa Aberta: Coletivos nas Gerais**, cujo eixo principal foi proporcionar encontros entre grupos de outros estados, com os quais a Trupe havia se encontrado durante o *Palco Giratório*, e os grupos teatrais uberlandenses convidados a ocupar a sede em **2013**. Assim, realizado de agosto a novembro, o projeto foi subdividido em meses temáticos, dos quais participaram a Trupe, um grupo convidado (de fora do estado), e outro grupo uberlandense. Em cada mês, havia um tema condutor para os espetáculos apresentados. O grupo da cidade realizou temporadas durante três semanas com espetáculos de seu repertório. Em concordância com os temas propostos, a Trupe realizou uma oficina mensal, gratuita e aberta à comunidade. Na semana em que os grupos convidados nos visitaram, foram realizadas as seguintes atividades: uma pequena mostra – com um espetáculo da Trupe, um do grupo convidado e um do grupo de Uberlândia –, uma oficina ministrada pelo grupo visitante, e um encontro fechado com os três grupos para trocas artísticas e discussões sobre gestão.

Realizamos apresentações, oficinas e mediamos intercâmbios entre os grupos In-Bust Teatro com Bonecos (PA) e Grupontapé de Teatro (MG); Zabriskie Teatro (GO) e Grupo Galhofas (MG); Cia Lamira Artes Cênicas (TO) e Giz de Teatro (MG); Grupo de Teatro Bagaceira de Teatro(CE) e Cia Teatral Confraria Tambor (MG).

Esse projeto reverberou em outros encontros em 2015: o Grupo Bagaceira de Teatro veio se apresentar no Ponto dos Truões; conhecemos o Coletivo Dirigível que nos foi apresentado por intermédio do In-Bust Teatro com Bonecos. Além disto, conhecemos o Grupo Paideia: Paulo Merisio, da Trupe, foi até São Paulo, e Aglaia, do Grupo Paideia, veio até Uberlândia. Participamos da *Aldeia Diabo Velho*, promovida pelo Sesc Goiás, onde revimos Ana e Alexandre do grupo Zabriskie Teatro.

O encontro com os grupos arejava a relação entre os integrantes da Trupe. Proporcionava-nos o conhecimento de outras realidades possíveis, outras formas de relacionamento e estruturação da gestão interna, dava-nos o conhecimento sobre variações em processos de criação, nos inquietava e impulsionava a continuar fazendo teatro no interior. De nossos intercâmbios com os grupos, descobrimos como chegaram a ter uma sede, que alguns dividiam sua *casa* com outros grupos, ou que já haviam sido convidados a se retirar *dela*, ocupadas por eles há mais de vinte anos. Alguns possuíam dois integrantes; outros, quatorze, e agora seis. Constatamos que proporcionam, mais do que a esfera pública de seus Estados, o acesso à cultura de forma mais intensa e continuada. Trocamos experiências, contamos histórias, entendemos a importância de se respeitar a diversidade. E, dali em diante, a Trupe aliou à sua missão o reconhecimento e estímulo da diversidade existente entre os coletivos e grupos que mantêm o compromisso com a Arte como projeto de vida.

Em **2015/16**, o projeto *Trupe de Truões: uma metodologia de intercâmbio com Casa Aberta*, realizado através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais com o patrocínio da Petrobras, nos permitiu encontrar novos grupos, agora de nosso estado, e, mais uma vez, ouvir a trajetória de artistas-gestores que mudaram a história de suas cidades. Em meio às propostas de reformas no setor da cultura com a elaboração dos planos municipais, estaduais e o Plano Nacional de Cultura, ficamos inquietos com as indagações de representantes da sociedade civil em conselhos. ***O que querem com o teatro que fazem? Qual a missão de vocês como artistas? Até onde querem ir? Como contribuem para uma mudança efetiva para quem trabalha com cultura?*** Comprometidos com o nosso fazer, perguntas como estas nos têm atentado cada vez mais para a responsabilidade que nos cabe em

uma esfera política e social e para o tamanho da empreitada que temos pela frente.

Em três anos de *Programa Casa Aberta*, tivemos a oportunidade de conhecer e encontrar de forma mais estreita e profunda (seja em uma sala de ensaio, em um café da manhã, em uma visita a suas casas, no palco ou em uma festa) com muitos outros grupos de teatro, dança, bonecos, artistas solos, contadores de histórias e performers, artistas de diferentes pontos do país, e constatamos que o desejo e a prática de intercambiar não é uma necessidade somente da Trupe, mas de vários grupos que circulam pelo Brasil afora. A vontade e necessidade de trazer para nossa *casa* mais que histórias a contar e *souvenirs* nos moveram a trazer o brilho do olhar que tanto nos encantou. Trouxemos, então, os espetáculos dos grupos que conhecemos para que outros públicos pudessem apreciá-los com seus próprios olhos e, desta forma, terem a oportunidade de viver suas próprias experiências estéticas.

Este movimento repercutiu na nossa prática e percebemos a volta do ciclo que iniciamos se completar por diferentes vieses: grupos retornando à nossa cidade via outros projetos, convites surgindo para revisitarmos grupos parceiros, alianças com grupos locais que passaram a trabalhar sob a mesma perspectiva, enfim, confirmamos a potência desta ação e concluímos que precisávamos documentar, registrar, tornar concreto, dar volume e desenhar nosso perfil no cenário artístico teatral do país.

Assim, os
intercâmbios
nos têm
conduzido e
a formação
dessa *rede*,
às vezes,
nos balança,
às vezes,
nos aquieta;
reiteradamente
nos sufoca
e nos obriga
a respirar
outros ares,
mas o desejo
e impulso nos
levam adiante
para que
realizemos
mais um
sonho: o de
fazer Arte,
encontrar
gente de teatro
e espectadores
curiosos.

i n t e r c â

m b i o .

I N) d e n t

r o (

T E R

(p o s s u i r

' d e t e r (

e

C Â M B I O

(t r o c a ,

e s c a m b o (

...estes encontros, tão breves e intensos, este in-ter-câmbio soprou ar fresco, revigorou a alma, mudou estados, afetou o coração...

Escritos pessoais sobre experiências de intercâmbios.
Thiago Di Guerra 2015/16.

Terceiro Sinal: mais um espaço cultural na cidade

Cida Perfeito

Uberlândia é uma cidade com mais de 600 mil habitantes e que conta com espaços culturais ligados tanto à iniciativa pública quanto privada, caracterizados por formas de ocupação, estrutura física e funcionamentos diferentes. Um destes espaços é o Ponto dos Truões, sede da Trupe de Truões, onde são realizadas atividades de pesquisa e criação artística do grupo e de outros artistas da cidade. Apresenta localização privilegiada, próxima ao campus da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e, por isso, é frequentado por muitos estudantes.

O Ponto dos Truões funciona desde 2009 e teve sua *ocupação* efetivada a partir da criação,

em 2013, do *Programa de Intercâmbio Casa Aberta*. A experiência em diferentes níveis de interação entre artistas, possibilitada pelo programa, nos trouxe maturidade profissional. Com ela, porém, vieram também as responsabilidades, pois, na medida em que fortalecemos as ações de ocupação do espaço, vimos o quanto importante é oferecer uma formação artística de qualidade que contribua para a ampliação de experiências estéticas e o crescimento intelectual dos espectadores que o frequentam.

Assim, de 2013 pra cá, nossa maior expectativa foi com relação à participação do público nas atividades

propostas. O resultado dessa expectativa foi positivo, pois fomos surpreendidos com recorrente casa cheia, ocupada por um público assíduo de toda a programação. Além disso, o fato de nossa casa estar aberta com espetáculos variados a preços populares também contribuiu para que estudantes, artistas e admiradores de cada grupo parceiro adentrassem o Ponto dos Truões.

Hoje, a Trupe não abriga mais os grupos de teatro de outrora, mas continua sendo um espaço de encontros onde continuamos a desenvolver projetos com atividades de intercâmbios, expandindo o leque de ações locais e de outros lugares do Brasil e também da América Latina. Seguimos oferecendo espetáculos, oficinas e

curso de teatro, para diversas faixas etárias, por profissionais convidados da cidade e de fora dela.

Têm sido recorrentes alguns comentários nas filas e bilheterias em dias de apresentações: ***Não conhecia o espaço.; Que bom que a cidade tem mais um espaço cultural funcionando!; Nunca tinha visto um espetáculo de grupo de Uberlândia!; Gostaria de me manter informado sobre a programação!*** Receber *feedbacks* como estes faz com que nos sintamos reconhecidos e percebamos que estamos sim no caminho certo, trabalhando para manter a *casa* funcionando a pleno vapor, seja por meio de espetáculos em cartaz, oferta de aulas de teatro, ensaios, treinamentos, rodas de conversas, leituras dramáticas, bate-papos e festas, shows e afins.

Em 2014, por meio do projeto *Coletivos nas Gerais*, houve a reestrea da espetáculo *CALLE!*, texto de criação coletiva da Trupe de Truões e direção de Paulo Merisio.

No momento dos acertos finais para abertura do espaço ao público, choveu torrencialmente e uma preocupação nos abateu:

Quem sairia de casa com uma chuva intensa?

Faltavam apenas 10 minutos para o início do espetáculo, quando vimos, esperançosos, pessoas chegando e, aos poucos, lotando o espaço destinado à bilheteria. Pouco a pouco fomos contemplados com uma ***casa cheia, viva!***

A resposta estava aí! Nada mais emocionante e merecido para quem trabalha com Arte do que a presença de um de seus bens mais preciosos: o público.

Assim todos ganham. Enquanto Trupe, seguimos contribuindo para a ampliação de experiências estéticas. O público, por sua vez, torna-se mais exigente e amplia seu desejo de apreender novos conhecimentos. Grupos como Lamira (Palmas/TO), Bagaceira (Fortaleza/CE), In Bust (Belém/PA), Zabriskie (Goiânia/GO), Coletivo Dirigível (Belém/PA), Cia Burlantins (Belo Horizonte/MG), Turbina Criativa (Rio de Janeiro/RJ), Gira Dança (Natal/RN), In-Cena (Teófilo Otoni/MG) e Viraminas (Três Corações/MG), ao ocuparem o Ponto dos Truões através de projetos como o *Casa Aberta* e outros que dele se desdobraram, tiveram a oportunidade de, em contato com a produção local, reconhecerem Uberlândia como um lugar onde também se pensa e faz Teatro, ecoando o seu nome pelos quatro cantos do país.

Lembro-me que com o estabelecimento do Ponto dos Truões, sede administrada pela Trupe, tornou-se recorrente a procura desse espaço por alguns artistas e grupos locais a fim de realizarem seus ensaios, apresentações e guarda de material cênico. Essa procura se deu no momento em que, como *Ponto de Cultura*, vivíamos o desafio de pensar quais os meios de sustentabilidade do grupo e de nossa sede, movidos pelos ideais de base do *Programa Cultura Viva*: autonomia, protagonismo e empoderamento. Vivíamos, naquele momento, alguns impasses decorrentes da responsabilidade de se administrar um espaço cultural: como manter o Ponto dos Truões a partir de nossas obras e práticas artístico-pedagógicas? Como atender à demanda de outros grupos que, assim como nós, precisam de um espaço físico para desenvolvimento de suas pesquisas e produções? Como sustentar econômica e artisticamente este espaço?

O desafio de desenvolver meios de sustentabilidade artística e econômica não era somente da Trupe, mas representava (e representa) uma difícil empreitada para aqueles que se dedicam a viver profissionalmente de teatro, principalmente quando sua atuação não se concentra nos grandes centros, como Rio Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte.

Em meio à necessidade de abrir nossa *casa* de vez, consolidar o Ponto dos Truões como equipamento cultural na cidade e compartilhar

esse espaço com outros grupos, surgiu a ideia do projeto *Trupe de Truões: Casa Aberta*, contemplado pelo 5º Prêmio Cena Minas (2013). Na sequência, elaboramos o projeto *Casa Aberta: Coletivo nas Gerais*, contemplado pelo Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais (2014) e, por último, o projeto *Trupe de Truões: uma metodologia de intercâmbio com Casa Aberta*, contemplado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura em 2014 e executado nos anos de 2015 e 2016.

E o que esses projetos têm em comum? A realização de intercâmbios entre grupos e a formação de conexões, como nós, ou entrelaçamentos, de uma rede. Estes projetos fazem parte de um processo de criação e aprimoramento da ideia de CASA ABERTA. Ela ainda não está acabada, pelo contrário, está em estado e processo de *fermentação*... E, talvez, ela não seja algum dia acabada, mas transformada e amadurecida, num fluxo contínuo e vivo. A primeira versão do projeto *Casa Aberta*, proposta em 2013, foi como uma 'isca de fermento' que levedou toda uma massa, multiplicando-se em várias etapas. Teremos muito pão ainda para compartilhar.

Conseguimos resolver, durante o referido ano, o anseio de abrir a nossa casa, recebendo três grupos da cidade de Uberlândia que, no Ponto dos Truões, realizaram suas atividades. Enquanto isso, a Trupe de Truões estava em circulação pelo *Circuito Sesc Palco Giratório*, apresentando-se, ministrando oficinas e realizando intercâmbios: encontros, trocas e conversas com grupos que apresentavam alguma semelhança com nosso trabalho quanto à forma de organização, estética, linguagem e pesquisa artística.

Os intercâmbios que realizamos em circulação ampliaram nosso conhecimento e consciência da potência desse tipo de ação.

Assim, nas cidades em que não haveria oficialmente o intercâmbio pela mediação do Sesc, passamos a criar situações independentes de encontro, exercitando nossa **autonomia** enquanto coletivo: procuramos grupos teatrais e *Pontos de Cultura*, a fim de aproveitar melhor nossa passagem por cada cidade e, assim, estabelecer novos contatos. Com essa iniciativa, multiplicamos nossas oportunidades e provamos da potência da partilha, dos encontros e o que eles poderiam gerar ou reverberar em cada um dos grupos.

A partir de então, incluímos nos projetos seguintes (2014, 2015, 2016) o **compartilhamento** como uma de nossas práticas, passando a investir cada vez mais nas relações e nas ideias geradas nesses encontros. Olhando para o percurso (2013 a 2016), percebo a continuidade e evolução dessas ideias no desenvolvimento de cada projeto:

Aproveitando-me desse histórico, ressalto a importância de poder contar com os mecanismos de fomento e incentivo nessa trajetória de desenvolvimento do *Casa Aberta*. Esses projetos realizados em

Palco Giratório (2013): vivenciamos os compartilhamentos como prática de criação e gestão de ideias; identificamos os possíveis pares, potencialmente, nós de conexão da rede;

Casa Aberta (2013): estabelecemos parcerias com grupos locais, experimentamos a criação de uma rede de atuação e colaboração local;

Coletivos nas Gerais (2014): ampliamos a rede, buscando ligação com grupos de outras regiões do país (Goiás, Pará, Ceará, Tocantins) que encontramos na circulação de 2013. Aproximamos esses grupos àqueles de nossa rede local;

Trupe de Truões: uma metodologia de intercâmbio com Casa Aberta (2015-2016): buscamos conexões em nosso estado, encontrando o grupo In-Cena, de Teófilo Otoni (MG), e a Viraminas Associação Cultural, de Três Corações (MG);

sequência, via incentivo público, representam para nós oportunidades de estabilidade e de **EMPODERAMENTO** para a articulação de nossas atividades artísticas e desenvolvimento da ideia de uma metodologia de intercâmbio própria, uma possível tecnologia social.

Para fechar, mesmo que provisoriamente, retomo a questão da sustentabilidade da Trupe e, relacionando-a com a de rede de grupos, vislumbro que o movimento em rede e as relações estabelecidas nesse processo nos projetaram para outros caminhos, formas de sustentar nosso trabalho quanto à gestão do grupo, ideologia, estruturação econômica e amadurecimento artístico. Adquirimos **AUTONOMIA** na relação com os pares, na aquisição de conhecimento, no desenvolvimento de uma metodologia. Nos empoderamos da ideia do *intercâmbio* e a partir dela estamos transformando as relações econômicas e de poder em que estamos envolvidos; tudo isso vem se refletindo em **PROTAGONISMO** de nossas práticas quando passamos a intervir diretamente no desenvolvimento teatral, social e cultural em nível local e estadual. Esses três pilares têm nos sustentado até aqui, e assim permanecemos, resistimos a cada ano, sempre com a *Casa Aberta*.

**Rede.º
Ponto
FORTE.
Lugar de
encontro
e tensionamento.**

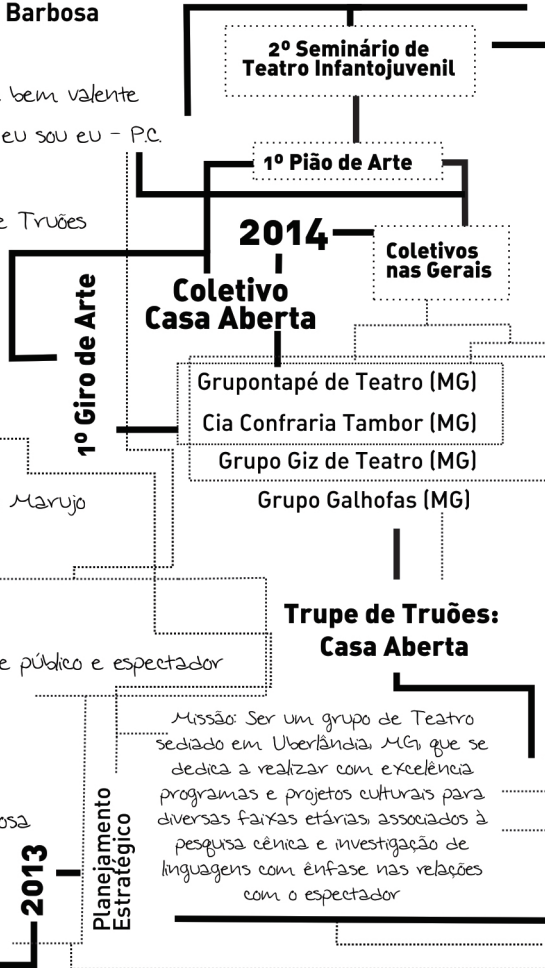
A Trupe, sob esta perspectiva, busca fortalecer as relações entre seus pares de forma a construir um ambiente que possibilite a todos um espaço de tensionamento e conseqüente autonomia. Afetamos e somos afetados. Reconstruímos a partir do vivenciado. Das inter-relações e ações revejo meu sistema (cada grupo ou coletivo artístico é um Sistema, que se agrega, organiza e se elabora de forma autônoma).

Escritos pessoais sobre
experiências de intercâmbios.
Thiago Di Guerra 2015/16.

Dos caminhos percorridos

Amanda Barbosa

- 2002... Espetáculo Os 7 gatinhos
- 2002... Espetáculo Um herói fanfarrão e sua mãe bem valente
- 2003... Espetáculo Rodrigueuhas Espetáculo Só eu sou eu - P.C.
- 2004... Espetáculo Rapunzel
- 2006... Projeto Temporada de espetáculos Trupe de Truões
- 2008 - 2007 - 1º Prêmio Myriam Muniz de Teatro
Espetáculo: Ali Babá e os 40 Ladrões
Espetáculo: A Maldição do Vale Negro
- 2008 - 2º Prêmio Myriam Muniz de Teatro
Espetáculo: Simbá, o Marujo
- Associação Trupe de Truões
- Estrupícios Produções Artísticas
- 2009 - Mostra SESI de teatro infantil - Simbá, o Marujo
- Ponto dos Truões
- Ponto de cultura
- Oficinas Livres de Teatro
- Ações Artístico-pedagógicas de formação de público e espectador
- 2010 - Espetáculo Fragmentos de A Odisseia - P.C.
- 2010 - Espetáculo Melodrama da Meia Noite
- 2010 - Espetáculo CALLE!
- 2011 - Espetáculo Aladim e a Lâmpada Maravilhosa
- 2011 - Espetáculo Por quem os sinos dobram?
- 2011 - 1º Seminário de teatro infantojuvenil
- 2012... Espetáculo Estranhos somos nozes - P.C.



NuMel - Núcleo de Pesquisa em Melodrama

NuPePa - Núcleo de Pesquisa em Palhaçaria

2015 — Trupe de Truões: Um Metodologia de Intercâmbio com Casa Aberta

3º Seminário de Teatro Infantojuvenil

SESI/SP

Grupo Paideia

Sesc Aldeia Diabo Velho (GO)

Circuitos de Intercâmbio

In-Cena de Teatro (MG)
Viraminas Associação Cultural (MG)

Mito 8 de Teatro (MG)

Grupontapé de Teatro (MG)

Cia Confraria Tambor (MG)

In-Bust Teatro com Bonecos (PA)

Bagaceira de Teatro (CE)

Cia Lamira Artes Cênicas (TO)

Zabriskie Teatro (GO)

Cia Luna Lunera (MG)

Engenho Imaginário (PR)

Cia Milongas (RJ)

Cia Z (ES)

Mostra Casa Aberta Convida

Encontro Casa Aberta:
Gestão de Grupos e Espaços Culturais

Chico Pelúcio - Grupo Galpão (MG)

Sidnei Cruz (ESEM/RJ)

4º Seminário de Teatro Infantojuvenil

2016

Ponto dos Truões Casa Aberta:
Produção, Formação e Intercâmbio

Gabriel Pastorini ASSITEJ Uruguai

Circuito Sesc Palco Giratório

Espectáculo Por que não para sempre - P.C.

Simbá, o Marujo Rota Centro Oeste

Programa Casa Aberta de Intercâmbio

Programa de Ações Pedagógicas para Formação de Público e Espectador

Princípios e valores: 1. Hibridismo entre arte, mediação e formação / 2. Excelência artística / 3. Desenvolvimento de pesquisa e produção de conhecimento sobre as Artes Cênicas / 4. Valorização do ofício dos artistas, técnicos e colaboradores / 5. Pluralidade de linguagens e práticas de criação colaborativa.

Sabemos que há vários grupos teatrais espalhados pelo nosso país e que, com a abertura de cursos de teatro, a universidade vem influenciando na formação de vários coletivos, como interferiu diretamente em nossa formação. Mas, muito além de uma capacitação acadêmica, a formação de grupo requer outros aprendizados, mais burocráticos, como a captação de recursos para suprir necessidades relacionadas à manutenção do espaço, a produção e divulgação de espetáculos, bem como o conhecimento e a habilidade para gerir todos esses itens, entre outros. Além disso, a questão-chave de todas as atividades do dia é entender como se constrói uma relação do indivíduo dentro do coletivo teatral. Como se dá a tomada de decisão individual internamente, quando de reuniões? Qual sua relação com o outro? Estas e outras perguntas, aliadas ao desejo de saber como outros grupos se estruturam, nos inquietam a ponto de criarmos estratégias, como as de intercâmbio entre coletivos, para atender essas etapas inerentes à criação de um grupo.

Essa inquietação sobre a relação com o outro me leva a pensar sobre minha identidade e a do grupo. Quem eu sou individual e socialmente? Quem é o meu grupo? Percebemos, durante os intercâmbios realizados, que nos reconhecemos e até nos descobrimos na relação com o outro, nas práticas, vivências, dificuldades e também nas realidades sociais em que estes coletivos estão inseridos. Por tudo isso, a palavra intercâmbio, como no dicionário, cabe aqui: *relacionar-se*

com os demais, reunir, interagir e fazer contatos profissionais. Mais feliz no nosso caso, como registra Mauss (2003, p. 212), intercâmbio trata-se no fundo, de misturas. Misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca.

Durante esses anos, temos encontrado e até tocado nas almas de alguns grupos e pessoas, e temos sido tocados e até *balançados* por eles. Estes encontros aconteceram de diversas maneiras, desde assistir a uma obra teatral, ouvir uma palestra, ou em conversas, durante ações cotidianas, como degustar um café da manhã, jantares, ou quando tomávamos uma cachaça *benzida* por mim para abrir o ritual de encontro, à moda de Dionísio. Assim, além da relação entre profissionais, havia também a relação entre homens e mulheres comuns que degustavam do mesmo cálice de cachaça. Embebedos pela mesma vontade, perguntava-me: O que aquele indivíduo trazia de bagagem de vida? Quais eram suas histórias? Como fatos narrados encontravam ressonância em minha memória? Em que medida fatos e narrativas me tocaram e me transformaram? Se transformaram, em quê? Quem eu sou, depois da previsível *transformação*? É possível que essa experiência possa incorporar-se à minha bagagem também? Suponho que sim, uma vez que essa vivência em busca de novos conhecimentos, somada àquela que acontece naturalmente, há que vir e ficar, criando redes de afetos, tramas de novas experiências artísticas e conexões. Certamente, não estou no mesmo lugar, embora volte sempre para um ponto de partida: minha infância.



Cresci ouvindo e vendo meu pai benzer cachaças e dizendo que assim elas não nos fariam mal. Trouxe essa ação/prática/crença em minha vida e ela passou a ser repetida em jantares comemorações do meu grupo, entre nós mesmos e com outros.

Certa vez, durante um dos nossos jantares realizados nos intercâmbios do *Palco Giratório*, essa prática foi realizada utilizando uma iguaria daquela região: uma pinga feita com jambu, folha afrodisíaca da Amazônia. Estávamos em Belém do Pará e, quando se comentou que em nosso grupo havia uma benzedeira de cachaça, nos disseram que havia uma cachaça típica daquela região e que precisavam unir as duas: eu e a cachaça. Fomos então apresentados ao jambu, utilizado como condimento na culinária amazônica e empregado na medicina caseira para tratamento de males da boca e garganta. As folhas e flores, quando mastigadas, dão uma sensação de formigamento nos lábios e na língua devido à sua ação anestésica local, sendo, inclusive, usada para o alívio de dores de dente e como estimulante de apetite. Assim, fui apresentada àquela cachaça de jambu e comecei a benzê-la:

Bebo não é por vício,,
nem por mágoa,,
nem por máda,,
bebo porque no fundo deste copo vejo o vultto
do homem amado
e se eu não beber ele morre afogado,,
aprende a nadar desgraçado
porque já cansei de me embribebedar por sua
causa..

No final de meu ritual com a cachaça, mandei a danada 'goela abaixo'. De repente, meus lábios começaram a crescer e não esperava aquele efeito, saí com a goela seca, os lábios formigando e com a impressão de inchaço. A sensação foi tão diferente de todas as outras vezes que tive de trazer uma cachaça de jambu para mim e outra para o meu pai.

Estas *trocas*, como esta que aponteí, foram dadas e retribuídas, porque se dão e se retribuem respeito. E mais: para esse específico exemplo, a troca passou pelo paladar. Com língua, lábios e garganta anestesiados, a troca se deu sem a obrigação, como uma dádiva, sem a dívida da troca comercial, sem o peso da obrigação de receber. Neste tipo de troca, você pode não receber, ou receber e usar da maneira que quiser, ou pode nem usar o que recebeu e sem a obrigação de retribuir. Este movimento e essa sensação me levaram para outras indagações: Que tipos de relação criamos com o público? Quais as relações criadas entre nós? Que relações e sensações somos capazes de criar e manter? Em que medida nossas relações criam situações que nos motivam, nos inquietam e nos agregam muito e mais que a dormência e frenesi dos primeiros instantes após uma apresentação? Todos estes encontros e desencontros, com ou sem cachaça, inebriados ou sóbrios, nos fazem sair com mais perguntas do que respostas, mas de uma coisa tenho certeza: a anestesia do jambu me colocou em outro degrau de sensações.

Estamos neste caminho de estreitamento com o outro, com coletivos e artistas da nossa cidade, de outras cidades, de outros estados e até outros países. Queremos saboreá-los e benzê-los aqui ou onde estivermos trabalhando e as relações podem ter sabores diferentes, exóticos. E, abertos ao experimento e respeito, nos transformamos e

caminhamos em
busca de mais e
mais sensações
que nos levem à
felicidade.

Assim, defino-a como um momento de **mudança interior**, mudança de perspectiva, uma troca, **reposicionamento** que acontece dentro, de trocas intangíveis, de valor humano. Para além do fato de **sermos afetados**, cruzados por realidades distintas das nossas, os encontros vivenciados por nós da Trupe de Truões com outros coletivos artísticos foram momentos em que pudemos estabelecer um **diálogo franco** sobre nossos modos de produção artística, nossas dificuldades, caminhos possíveis de sustentabilidade e modos de organização institucional.

Não pensem que o **escambo** tenha sido apenas informacional, protocolos assumidos, mas foram afetivos. Dialogar com artistas que experimentam cotidianamente os prazeres e as angústias deste labor nos fizeram respirar, soltar um **riso frouxo** diante de tantos reflexos.

CASA ABERTA: Laboratório de convivio e companheirismo

Ronan Vaz

É certo que existem diferentes processos de desenvolvimento e construção de obras de arte em qualquer uma de suas linguagens. Com relação à linguagem teatral, a prática de teatro de grupo tem sido uma importante forma de agir e pensar que cada vez mais vem ganhando espaço e ampliando a cena nacional, principalmente se observarmos o surgimento de novos grupos e, conseqüentemente, o aumento da produção teatral no interior do Brasil.

Esta forma de produção e organização, apesar das variações nos modelos de trabalho, também representa tentativas de se produzir um teatro independente. Como aponta André Carreira, Diretor do Grupo Teatral (E)xperiência Subterrânea e professor do Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), essa independência não está necessariamente associada a uma ruptura com o mercado cultural. Apesar das inúmeras dificuldades e desafios, o trabalho em grupo possibilita a manutenção de um coletivo de artistas e a realização de projetos a longo prazo, que vão além da prática de criação de espetáculos.

A Trupe de Truões é um desses coletivos e tem como missão *ser um grupo de teatro sediado em Uberlândia-MG, que se dedica a realizar com excelência programas e projetos culturais para diversas faixas etárias, associados à pesquisa cênica e investigação de linguagens com*

ênfase nas relações com o espectador. Prestes a completar 15 anos de existência, além de comemorar conquistas, a Trupe tem vivido, de forma cada vez mais intensa, processos de revisão de sua trajetória, como a busca de aperfeiçoamento artístico e organizacional. Nesse sentido, percebo que questões relacionadas à gestão cultural, assim como o trabalho criativo, estão amparados pela ideia do inacabado, daquilo que está em constante movimento de construção, invenção e experimentação. A partir das experiências da Trupe de Truões e do contato com outros coletivos teatrais, posso afirmar que a prática do teatro de grupo se caracteriza tanto por um modo específico de organização como também de produção estética.

No caso da Trupe, a prática artística experimentada com o passar dos anos foi se deslocando do eixo central da encenação, transbordando suas margens e expandindo as possibilidades daquilo que a cena dá a conhecer. Este movimento nasce de reflexões sobre o processo de criação, da participação e/ou realização de oficinas e seminários, de turnês e participação em festivais, de encontros com outros artistas, da realização de temporadas, ensaios abertos e intervenções artísticas, da realização de oficinas para diversos públicos, da elaboração e execução de projetos de formação de professores e alunos espectadores. Com o alargamento do horizonte de produção artística e cultural, a busca pela sede própria se intensificou. E apesar das dificuldades encontradas na manutenção e gestão de um espaço físico, com a abertura da sede, passamos a desenvolver e aprimorar projetos capazes de fomentar a criação de redes de intercâmbio entre grupos de outras regiões do Brasil e grupos da cidade de Uberlândia. Estas experiências possibilitaram a criação e o aprimoramento do *Programa de Intercâmbio Casa Aberta*.

Imerso no movimento ininterrupto de renovação, no contexto de um grupo de teatro, consciente do princípio do inacabamento dos modos de organização e produção artística e diante do desafio de compartilhar uma experiência – que me parecesse relevante sobre as ações artístico-culturais desencadeadas por esse programa –, não escapei de duas ideias que assaltam meu pensamento: o convívio e o companheirismo como mote para a formação de uma rede de trocas de experiências, comparável a um banquete a que se remete a etimologia destas palavras. Segundo o dicionário da língua portuguesa *Silveira Bueno*, a palavra convívio vem do latim *convivium*, que, em seu uso antigo, relaciona-se a uma grande refeição para muitos convidados. Já o vocábulo companheiro, também oriundo do latim *cum panis*, refere-se a alguém com quem dividimos o pão.

Nesse sentido, é possível reconhecer que os encontros propostos no *Casa Aberta* tornam-se experiências que se dão pelo encontro, pelo convívio, por estar em companhia. Se considerarmos que o artista desenvolve seu ofício no campo da mutabilidade e no encontro com o outro – sejam pares artistas, produtores ou espectadores –, há que se levar em conta o aspecto dialético desta confluência para compreender a criação em um campo relacional, capaz de gerar interferências e reverberações tanto nos modos de fazer, de pensar e de fruição estética.

Com esses projetos, realizados dentro desse programa de intercâmbio, a Trupe de Truões tem tido a oportunidade de propor experiências, gestos de interrupção... Refiro-me ao pensamento construído por Jorge Larrosa Bondía quando fala sobre a experiência. Segundo o filósofo, para que a experiência aconteça faz-se necessário um gesto de interrupção que é quase impossível nos dias atuais.

Este gesto de interrupção, ainda parafraseando Bondía, requer pausas para pensar, olhar, escutar, sentir, falar sobre o que nos acontece, cultivar a arte do encontro, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Esta tem sido a tentativa nas experiências com os intercâmbios no *Casa Aberta*. Estabelecer espaços de convívio com companheiros de ofício para trocas de experiências, como quando nos sentamos à mesa para compartilhar uma refeição, não só de comida, mas também de ideias, saberes, valores e planos. Portanto, nossa *mesa* é um laboratório inventado para experiências e compartilhamento desse conjunto de coisas, de tudo o que nutre nosso corpo, nossas emoções, nossos pensamentos e, principalmente, nossos sonhos.

E seguimos caminhando . . .

Maria De Maria

Vivemos em uma época cuja sociedade é regida por sistemas de controle que simplificam e formatam o comportamento dos indivíduos. Seguindo esse pensamento, entende-se que quanto mais nos isentamos de opiniões elaboradas e menos ampliamos nossos olhares para o entorno de forma crítica mais fácil é para o sistema dominante manter a ordem das coisas. Na tentativa de criticar este lugar, artistas apostam em modos de se relacionar, mesmo que utópicos. A arte, *campo fértil de experimentações sociais*, surge como *um espaço parcialmente poupado à uniformização dos comportamentos* (cf. Nicolas Bourriaud), por conseguinte, é papel dela interferir neste movimento manipulador e retornar ao homem o direito a sua autonomia.

A modernidade abriu caminhos para a emancipação do sujeito, mas com ela trouxe consigo uma avassaladora transformação causada pelos avanços dos meios midiáticos de comunicação, conduzindo o homem ao rompimento das relações sociais. Na sequência, principalmente no campo da arte, a contemporaneidade é marcada por uma nova estética de ações interativas e de convívios, que tenta restituir ao homem estes espaços de conexão perdidos.

Em tempos de capitalismo selvagem, estamos predestinados a acreditar que *o que não pode ser comercializado está fadado ao desaparecimento*. E que o mesmo acontecerá com as relações humanas caso não cedam às transações comerciais. Na contramão, a arte, aponta, talvez, como único *conector* capaz de resgatar, em sua essência, os desejos transformadores do homem, permitindo-lhe permanentemente a possibilidade de manter-se em relação com o outro, sem que ‘abra mão’ de sua subjetividade e liberdade de escolha.

Nesta perspectiva, muitos movimentos artísticos estão hoje pautados na estética relacional (cf. Borriaud), que, em discordância à *reificação das relações humanas*, prima por gerar espaços que sugerem outras possibilidades de partilhas que não apenas as tradicionais, em outros termos, idealiza a produção artística pautada em *modelos de sociabilidade* cuja participação efetiva do espectador é crucial. Assim, em favor de vínculos sociais desprendidos do âmbito mercantil, buscase, na arte, a valorização das *experiências inter-humanas*. Essas ações ainda podem ser lidas como processuais e *inacabadas* (cf. Cecilia Salles), posto que se dão na forma de encontros, escambos, atravessamentos, emaranhados, bricolagens, justaposições e misturas no campo das relações.

Ações de interação que levam a processos de aprendizagem, como os vivenciados por grupos de artistas, aqui no caso a Trupe, apontam meios, talvez raros, de compartilhamento de modos de pensar e agir, engendrando o exercício de relacionamentos que nos instigam à geração de sensibilidade, afetividade e generosidade. Melhor dizendo: tentamos propiciar espaços de reflexões que contribuam para a ampliação de nossa capacidade de elaborar e interpretar conexões mais complexas renovando as possibilidades de nos inventariar.

No atual contexto sócio-político-econômico, acreditar na possibilidade de se *viver de arte* parece não passar de utopia. Mesmo assim, seguimos com ações pautadas na troca, como mecanismo gerador de espaços para relações humanas e como forma de sobrevivência. Não há receitas, são práticas de alívio e *tensionamento* que auxiliam na manutenção de nós mesmos.

É a partir desse fundamento que a Trupe de Truões aposta na ideia do *Programa Casa Aberta*, não somente como metodologia, mas na tentativa de respeitar as individualidades e características de cada grupo e de cada artista, buscando oferecer-lhes meios, passíveis de infinitas combinações e recombinações, para uma experiência agregadora e espontânea. Esperamos que esse programa não se torne mais um produto uniformizado, mas uma estrutura que estimule mais e mais outras utopias, pois, como contou, certa vez, o jornalista e escritor Eduardo Galeano, *as utopias servem para nos fazer caminhar*



Uberlândia, nos dias de Fevereiro de 2016.
(Para ler essa carta escutem, Festa de Umbanda,
Martinho da Vila)

Caros amig@s,

Em 2013, arrumamos as malas e navegamos com "Simbá, o marujo", uma das peças do repertório da Trupe de Truões. Dentro da Programação do Sesc Palco Giratório, viajamos pelos interiores deste Brasil continental descobrindo novos caminhos e vislumbrando outras possibilidades de comunicação e de manutenção do grupo. Quando encontramos outros grupos, estreitamos laços, afetos e nossos fazeres artísticos, laços e sentimentos que, a priori, também são construídos na nossa sede. Visitamos suas casas, descobrimos histórias e encantos, partilhamos e compartilhamos. Tudo isso, a forma dessa missiva me dá alguns limites, foi vivenciado com respeito e cuidado com o outro,

dois sentimentos que alimentaram (e também me alimentaram) nossos projetos que, após execução, possibilitaram outros reencontros, mas desta vez, em nossa casa. Logo, o sentido da palavra 'intercâmbio' ganhou materialidade, quando, nas andanças por outros lugares, aprendemos outras formas de trabalho e companheirismo. Quando estes vieram a nossa sede, procuramos recebê-los com o mesmo carinho e respeito com que fomos recebidos em suas casas e, dadas às devidas proporções, nosso intercâmbio foi regado a risos, mais teatro, oficinas, sonhos... Nessa perspectiva, nossas estradas se cruzaram e entre risos, e também muita lágrima, tristeza, construímos um sentimento que aliou aprendizagem e afeto, outra palavra que rege nossa prática. E nesse estado emocional, comecei a me questionar sobre os caminhos do fazer teatral e da sobrevivência do teatro nos interiores do país. Pensei na minha própria trajetória de artista, nas dificuldades que enfrento, quando, especialmente, falta o alimento

registrado no parágrafo anterior - afeto, cuidado com o outro e consigo mesmo - ausenta-se, mesmo que momentaneamente.

Nesses momentos fugazes (e em muitos outros, é claro) lembrei que, certa vez, escutei de um amigo o seguinte: que deveria fazer teatro e que não teria outra profissão para mim que não fosse essa. Comecei a vida de artista com uma visão romântica, como muitos iniciantes que abraçam a profissão escolhida, de que todos os dias estaria no palco, atuando.

Essa visão se modificou após a minha entrada na Trupe de Truões, Onde comecei, de fato, a atuar conscientemente como artista e como agente de outras ações diferentes do processo artístico. Das viagens realizadas, constatei que teria muito mais a fazer do que somente atuar nos palcos. Teria que entender de políticas públicas, projetos e leis... Meu Deus! Pensei . . .

É necessário e urgente outro tipo de crescimento, e a galope! Em alguns momentos, a sobrevivência de um artista no interior não é fácil, mas pode ser possível, principalmente quando começamos a entender e praticar modos de criação e sustentação dentro de um mercado de trabalho exíguo, mas não impossível. E para isso se faz necessário desenvolver e aprimorar mecanismos que nos garantam permanência. Permanência, não luxos, até porque nosso vital alimento é a arte.

Neste sentido, puxo os laços da memória, para entrar novamente, através de minhas lembranças, em suas casas, onde deixei alguns medos e sonhos, mas onde também deixei parte de mim, por isso, lembro de olhares, de ventos que fizemos juntos e que se transformaram no alimento básico de nossa sobrevivência, aqueles que já citei no início da carta. Não quero ser repetitivo e nem medonho...

E abrindo esses laços e abraços, convido-os para lembrar comigo esses momentos. Mas, fecho os meus para me lembrar da primeira vez que nós nos vimos... lembraram?! Então, peço licença para perguntar sobre as lembranças de vocês e se nelas há também o alimento que sustenta um grupo, seja ele do interior ou em lugares mais desenvolvidos. Assim vou entendendo que lembrar é deixar ativas as chaves que dão abertura às portas da memória e às portas de novos projetos, não seria esse movimento que conceitua a palavra 'rede', tão proclamada aqui em casa?

Espero que possamos nos encontrar em breve. Por aqui continuamos a escrever nossa história, nosso trabalho é diário, mas incansável, pois escolhemos fazer o que é da ordem do desejo e da fome.

Agora os convido para matar um pouco dessa saudade assistindo ao documentário (Sobre o que

acontece quando nos encontramos: memórias da Trupe de Truões)

Com o afeto de um Truão memorioso e desmemoriado.

P.S.: Sim, desmemoriado, porque é preciso passar por cima de mágoas, desenlaces, contrariedades e contradições para não esgarçar a rede ao ponto de rompê-la dentro de nós.

Wesley Nunes

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARREIRA, André. *Teatro de grupo: diversidade e renovação do teatro no Brasil*. Subtexto: Revista de Teatro do Galpão Cine Horto, Belo Horizonte, ano IV, p. 08-11, nov. 2007.

FRIQUES, Manoel Silvestre. *Troca e relação na estética relacional*. Revista E-compós, Brasília, V.16, n.3, set/dez. 2003.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto Inacabado: processo de criação artística*. 4ª edição. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. *Redes da Criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Horizonte, 2006.

SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo. *A construção da identidade no teatro de grupo*. Revista Moringa, João Pessoa, V. 5 N.2 jul/dez. 2004.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. *Teoria do conhecimento e Arte: formas de conhecimento - arte e ciência uma visão a partir da complexidade*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

Manual Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social 2015.

Trupe de Truões: Uma Metodologia de Intercâmbio com Casa Aberta

Coordenação Geral: Maria De Maria | **Coordenação Artística:** Wesley Nunes | **Coordenação de Comunicação:** Ricardo Augusto e Amanda Barbosa | **Coordenação de Produção e Logística:** Thiago Di Guerra | **Coordenação Executiva e Financeira:** Laís Batista | **Designer Gráfico:** Luana Oliveira | **Registro audiovisual e fotografia:** Thaneressa Lima | **Técnico:** Wesley Nunes e Ronan Vaz | **Apoio Geral:** Amanda Barbosa | **Apoio Financeiro e de Produção:** Amanda Aloysa | **Consultoria de Projeto:** José de Oliveira Jr. | **Idealização e Realização:** Trupe de Truões | **Patrocínio:** Petrobras | **Incentivo:** Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais | **Assessoria de Imprensa:** Ciclo Assessoria em Comunicação | **Locução Off:** Fernando Prado | **Grupos Participantes:** Cia Teatral Confraria Tambor, Grupontapé de Teatro, In-Cena de Teatro Mito 8 de Teatro e Viraminas Associação Cultural.

Ficha técnica do documentário

Sobre o que acontece quando nos encontramos: memórias da Trupe de Truões

Argumento e Roteiro: Paulo Moraes | **Direção e produção:** Paulo Moraes | **Assistente de Produção:** Andressa Gonçalves | **Produção Executiva:** Amanda Barbosa | **Captação:** Thaneressa Lima, Paulo Moraes e Trupe de Truões | **Edição:** Paulo Moraes | **Finalização e Autoração do DVD:** Digiteca Filmes e Multimídia | **Músicas: RIBEIRÃO DAS ALMAS** Compositores: Thiago D'villa e Ricardo Lemos | **Intérpretes:** Saulo Lauer e Marcela Veiga | **FOLHAS PELO CABELO** Compositor: Marco Aurélio Querubim | **Intérprete:** Daniela Borela | **PAISAGENS DE PASSAGEM** Compositor: Marco Aurélio Querubim | **Intérprete:** Mariane de Ávila | **A PASSEIO** Compositor: Enzo Banzo | **Intérprete:** Enzo Banzo | **Curadoria de trilha sonora:** Ronan Vaz | **Realização:** Trupe de Truões e Viraminas Associação Cultural - Ponto de Cultura Museu da Oralidade - Três Corações (MG) | Vídeo produzido com recursos da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais CA. 1333/001/2013 com o patrocínio da Petrobras

Trupe de Truões:

Amanda Aloysa, Amanda Barbosa, Cida Perfeito, Getúlio Góis, Laís Batista, Paulo Merisio, Ricardo Augusto, Ronan Vaz. 2018

Projeto Trupe de Truões 15 anos: entre arquivos e memórias

Apoio:



Realização:



Incentivo:



Patrocínio:



FUNDO ESTADUAL
DE **CULTURA**
0018/02/2016/FEC

